

Dos primórdios da humanidade, quando sequer se sabia que o pai desempenhava um papel na procriação até o momento atual, o papel do pai tem uma longa história, que vem se transformando e da qual podemos pinçar alguns momentos na tentativa de que eles iluminem a questão, tal qual ela se coloca hoje.

Antes do período neolítico, a humanidade não conhecia o papel do pai na procriação (1). Acreditava-se que este conhecimento tenha advindo da domesticação dos animais, quando observou-se que para que se reproduzissem era necessário um macho e uma fêmea.

Mesmo não sendo o único ou principal elemento na questão da relação entre os gêneros, sem dúvida, a inveja do papel preponderante do mulher na procriação e o desejo de dominar a procriação, pesaram e pesam na dominação masculina sobre a mulher.

Os hábitos de "couvade", isto é, do resguardo do parto, feito pelo marido, em vez da mulher, são práticas largamente difundidas em épocas e culturas diversas: "... Marco Pólo, viajando em 1300, pelo sul da China, encontrou um povo que tinha um hábito surpreendente: 'Quando uma mulher tinha um filho, depois de lavá-lo e embrulhá-lo, saía da cama para a qual ia o marido, que aí ficava durante quarenta dias, tratando da criança. Os parentes vinham visitá-lo e cumprimentá-lo, enquanto a mulher se ocupava dos afazeres da casa, trazendo comida e bebida para o marido na cama e amamentando ao seu lado a criança.' Da Índia vieram notícias semelhantes, encontradas também em escritores gregos e romanos da antigüidade, que observaram o hábito de couvade em povos do Mar Negro, em algumas regiões da Itália, da Córsega, na ilhas Baleares, no sul da França e na Irlanda. Apolônio, que viveu 290 anos antes de Cristo, em Rodes, informa que os tibetanos, lastimando-se e chorando alto e tendo a cabeça amarrada, punham-se na cama depois do parto da mulher, deixando-se por ela tratar e tomando banhos apropriados às parturientes (...) Autores mais modernos, dos séculos XVII e XVIII, inclusive Humboldt, referem que em povos da América do Sul e Central era o marido que fazia o resguardo do parto, em geral de maneira bastante desagradável, pois o precisava jejuar, passando meses recolhido na rede e comendo somente bolos de mandioca, pois qualquer excesso de alimento podia prejudicar a criança."

Segundo autores como Philippe Ariès (3) e Badinter (4), na sociedade ocidental cristã, o amor pelos filhos, tanto por parte da mãe, quanto do pai, é um sentimento relativamente novo, surgido no século XVIII, com o capitalismo nascente e com a filosofia da Luzes. As primeiras pesquisas demográficas do final do século XVII, constataram a enorme mortalidade infantil e no século XVIII com o capitalismo nascente, a criança adquire um valor mercantil e começam os discursos sobre a necessidade econômica e política de conservar as crianças. A filosofia das Luzes, traz os valores de igualdade e felicidade individual, contrapondo-se aos valores vigentes de salvação da alma e felicidade após a morte. Entrou em consideração a liberdade de escolha do cônjuge, tanto para o homem quanto para a mulher. O novo casamento, fundado na liberdade será o lugar da felicidade e do amor. Constitui-se a família nuclear, com lugar privilegiado para a criança, sendo os pais responsáveis pela sua felicidade, mas com papéis bem distintos. O pai será o provedor material, que ganhará, fora do lar, o sustento da família. À mãe caberão os cuidados cotidianos com a prole, zelando pela sua saúde física e mental e pela sua educação.

Os poderes e deveres do pai foram ao longo do século XIX, sendo divididos com o Estado, através da escola, da justiça, da Assistência Social e da Medicina.

E passa-se a esperar que o papel do pai, junto dos filhos, seja apenas, além de provê-los materialmente, de dar-lhes o exemplo de homem trabalhador e honrado, e exercer a autoridade como representante do Estado, dentro do lar.

E assim chegamos ao meado deste século, quando a 2ª Guerra Mundial tira a mulher de casa para o trabalho extra-lar e à década de 60 à eclosão do movimento feminista nos Estados Unidos e depois, nos anos 70, no Brasil. Estes fatos trazem um rearranjo nas relações homens/mulheres e na família.

As mulheres, pressionadas pela dupla jornada de trabalho, passam a reivindicar a participação dos homens nos cuidados cotidianos com os filhos e a casa, sua participação na gravidez, no parto e pós-parto.

Inicia-se a construção de um novo modelo, que como todo novo modelo, tem que lutar com o antigo que ainda está profundamente introjetado nos comportamentos de homens e mulheres.

Por isso, a construção do modelo de pai, que não é apenas representação da autoridade e o provedor material, mas sim um pai afetivo, participante dos cuidados cotidianos com os filhos, ainda é difícil.

Os sentimentos dos homens, durante a gestação de um filho podem ser os mais diversos. Orgulho, pois a paternidade é símbolo de sua virilidade e "macheza" (5). Inveja pois, no concreto, está excluído da gravidez e do parto. Ciúme da atenção que a mulher dedica ao feto e posteriormente ao bebê. Tendo sempre sido cuidado por mulheres, na figura da mãe, babá, madrinha, tias, sente muita dificuldade em ver que os cuidados que recebia da companheira irão em grande parte para o bebê, e que, mais ainda, ele é solicitado a cuidar tanto da mulher, quanto do bebê. A sociedade lhe exige um novo papel, mas não lhe dá as condições concretas de assumi-lo. A licença paternidade resume-se a uma semana.

Por outro lado, as mulheres, muitas vezes, ao mesmo tempo que demandam por sua participação, no cotidiano, os excluem inconscientemente pois o modelo antigo, fortemente introjetado, confere-lhe valor e poder pelo exercício dos cuidados com os filhos, não lhes sendo fácil partilhar este poder com os homens. E esta dificuldade é expressa em atitudes tais como: "Deixa que eu faço... Você é tão sem jeito para trocar fraldas!" ou "Deixa que eu faço! Você demora demais!"

A presença de um pai afetivo e companheiro, no processo de desenvolvimento de uma criança em um adulto feliz, cooperador e criativo é muito importante.

Sem dúvida, uma participação positiva do companheiro na gravidez, parto e pós-parto formará uma boa base para a construção de uma boa relação pai/filho. Por uma participação positiva, quero dizer que seja satisfatória tanto para a mulher, quanto para o homem, pois é preciso que ambos estejam bem, que a relação do casal seja boa, para que a criança seja recebida em um clima favorável.

Sabemos que os sentimentos tanto do futuro pai, quanto da futura mãe são contraditórios durante a gestação: alegria, satisfação, orgulho, por um lado; por outro, momentos de insegurança, dívidas, angústias com a exigência do novo papel, papel sempre novo, mesmo quando se trate de uma segunda, terceira ou quarta gestação pois há sempre a sensação: "Darei conta de mais um?"

E aí em nada ajuda a um casal, em meio a estas vivências tão contraditórias, a imposição de um modelo de participação que não leve em conta a realidade social e pessoal de cada par, a história de vida de cada um.

Cada pessoa está profundamente marcada pelo modelo de relação de filho que viveu. Por isto, em nada adianta a imposição de um modelo de participação do homem na gravidez, parto e pós-parto. O que pode ajudar o casal é levá-los a rever o modelo que tiveram, e ver, deste modelo o que querem conservar e o que querem transformar.

Levar o casal a contatar com seus medos e ansiedades, partilhá-los e na medida do possível, sem imposições ou violências, superá-los.

Assim, se o companheiro irá ou não às consultas pré-natais, participará ou não de um grupo de preparação para parto, estará ou não presente ao parto, notadamente, no momento expulsivo, são decisões a serem tomadas pelo casal, levando em conta as possibilidades concretas (o chefe libera para sair no horário das consultas?, a maternidade permite a presença do pai?) e as possibilidades subjetivas de ambos (a mulher deseja a presença do companheiro?, o homem deseja estar presente?).

Se o casal chega a um consenso sobre estes assuntos, ótimo! Se não, cheguem a um pacto e que cada um possa, pelo menos, exprimir seus sentimentos de frustração, o que já é um primeiro passo para superá-los e para não deixar que o episódio mine a relação do casal. Toda relação de casal comporta discordâncias e pactos, nos quais cada um cede em algum ponto.

Evidentemente que do ponto de vista social devemos lutar para que a todos os homens sejam assegurados direitos de participação maiores que os atuais: uma licença paternidade significativa, e não os atuais cinco dias, licença para acompanhar a mulher ao pré-natal, presença no pré-parto e sala de parto, em todas as maternidades, públicas e privadas.

Com os direitos assegurados, caberá a cada casal construir seu próprio modelo de participação.

Referências Bibliográficas

- 1 - DUPUIS, Jacques. *Em nome do pai - uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 9 e seg.
- 2 - SILVA MELLO, A da. *Assim nasce o homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- 3 - ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- 4 - BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- 5 - NOLASCO, Socrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 160.